Terceira. — De quê ? .
Primeira. — Não sei. Porque o havia eu de saber?

(uma pausa)

Segunda. —Tod o este paiz é muito triste . . Aquelle onde eu vivi outr'ora era menos triste. Ao entardecer eu fiava, sentada á minha janella. A janella dava para o mar e ás

vezes havia um a ilha ao longe. . . Muitas vezes eu não fiava; olhava para o mar e esquecia-me de viver. Não sei se era feliz. Já não tornarei a ser aquillo que talvez eu nunca

fosse.
Primeira. — Fora de aqui, nunca vi o mar. Alli, d'aquella janella, que é a única de
onde o mar se vê, vê-se tão pouco !. . . O mar de outras terras é bello?
Segunda. — Só o mar das outras terras é que é bello. Aquelle que nós vemos dá-nos sempre saudades d'aquelle que não veremos nunca. . .

(uma pausa)

Primeira. —Nã o diziamos nós que iamos contar o nosso passado ?
Segunda. — Não, não diziamos.
Terceira. — Porqu e não haverá relógio neste quarto ?
Segunda. —Nã o sei. . . Mas assim, sem o relógio, tudo é mais afastado e mysterioso.
A noite pertence mais a si-propria.. . Quem sabe se nós poderiamos fallar assim se soubéssemos a hora que é ?
Primeira. — Minha irmã, em mim tudo é triste. Passo dezembros na alma. . . Estc u procurando não olhar para a janella. . . Sei que de lá se vêem, ao longe, montes. . . Bà fui feliz para alem de montes, outr'ora. . . Eu era pequenina. Colhia flores todo o dia e antes de adormecer pedia que não m'as tirassem . . Não sei o que isto tem de irreparáve que me dá vontade de chorar... Eoi longe d'aqui que isto pôde ser... Quando virá o dia ?. ..
Terceira.— Que importa? Elie vem sempre da mesma maneira... sempre, sempre, sempre...
Segunda. — Contemos contos um a ás outras. . . Eu não sei contos nenhuns, mas iss não faz mal.. . Só viver é que faz mal. .. Não rocemos pela vida nem a orla das nossa vestes... Não, não vos levanteis. Isso seria um gesto, e cada gesto interrompe um sonho. .. Neste momento eu não tinha sonho nenhum, mas é-me suave pensar que o pod estar tendo... Mas o passado — porque não falíamos nós d'elle?
Primeira. — Decidimos não o fazer. . . Breve raiará o dia e arrepender-nos-hemos...
Com a luz os sonhos adormecem. . . O passado não é senão um sonho. . • De resto, ne sei o que não é sonho... Se olho para o presente com muita attenção, pareoe-me que e j á passou... O que é qualquer cousa? Como é que ella passa? Como é por dentro modo como ella passa?... Ah, fallemos, minhas irmãs, fallemos alto, fallemos todas juntas... O silencio começa a tomar corpo, começa a ser cousa... Sinto-o envolver-me como um a névoa. .. Ah, fallae, fallae I. ..
Segunda. —Par a quê?... Fito-vos a amba s e não vos vejo logo... Parece-me que entre .nós se augmentara m abysmos... Tenho que cançar a idéa de que vos posso v par a poder chegar a ver-vos.. . Est e ar quente é frio por dentro, naquella parte que toc na alma... Eu devia agora sentir mãos impossíveis passarem-me pelos cabellos. .. A mãos pelos cabellos — é o gesto com que faliam das sereias... (Cruza as mãos sobre o joelhos, Baum.) Ainda ha pouco,- quando eu não pensava em nada, estava pensando n meu passado . .
Primeira. — E u també m devia estar a pensar no meu...
Terceira. — Eu já não sei em que pensava.. . No passado dos outros talvez..., no passado de gente maravilhosa que nunca existiu... Ao pé da casa de minha mãe corr u m riacho... Porque é que correria, e porque ó que não correria mais longe, ou mai perto?... Ha alguma razão para qualquer cousa ser o que é? li a para isso qualque razão verdadeira e real como as minhas mãos?...